

mil novecentos e oitenta e cinco¹

nesse tempo, deus existia ainda
e tudo quanto era frágil respirava
loucamente

no bar da escola,
as bandas tocavam
para os cleptomaníacos do coração

nas traseiras do ginásio,
treinavam-se beijos à serpente
e cigarros orientais

os rapazes cresciam
com olhos prateados
e duros totens de carne

debaixo das saias das raparigas
havia flores rasgadas
e sonhos de cavalos bravos

forever young, só o vento
— e as revoluções do amor
que beijo a beijo atraíçóávamos

¹ Mancelos, João de. "mil novecentos e oitenta e cinco". *Oficina de Poesia 2.3* (2004): 21.